

ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS - 02



TRANSFERÊNCIA E PRESENÇA ON-LINE DO ANALISTA

Gessé Duque Ferreira de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1892-2412>.

E-mail: gdf@live.com.

Breno Ferreira Pena

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4485-3673>.

Resumo: Trata-se de um ensaio de eixo teórico psicanalítico sobre a possibilidade da transferência se estabelecer de forma on-line. Já que a transferência é dirigida a pessoa do analista, como fica o estabelecimento da transferência no atendimento virtual? Sabemos que Freud descobriu cedo a importância da transferência para o atendimento psicanalítico e mesmo com uma face de resistência, é impossível uma análise sem a transferência. Lacan reformulou os aspectos da transferência principalmente com o objeto *a* e o conceito de Sujeito Suposto Saber. Entendemos que, de acordo com a psicanálise Freudo-lacanianiana, o corpo não se resume ao biológico ou à presença física, sendo estruturado pelo Imaginário, Simbólico e Real. Dessa forma, entendemos que há a possibilidade ou não como em toda análise de ser estabelecida a transferência, independente do modelo de atendimento.

Palavras-chave: Transferência. Presença do analista. Virtualidade.

ANALYST TRANSFER AND ON-LINE PRESENCE

Abstract: It is an essay of a psychoanalytic theoretical axis about the possibility of the transfer being established online. Since the transfer is directed at the person of the analyst, how is the establishment of the transfer in the virtual service? We know that Freud discovered early the importance of transference for psychoanalytic care and even with a face of resistance, an analysis without transference is impossible. Lacan reformulated aspects of the transference mainly with object *a* and the concept of Subject Supposed to Know. We understand that, according to Freudo-lacanian psychoanalysis, the body is not limited to biological or physical presence, being structured by the Imaginary, Symbolic and Real. In this way, we understand that there is the possibility or not as in any analysis of the transfer being established, regardless of the service model.

Keywords: Transference. Analyst's presence. Virtuality.

POLÊM!CA

LABORÉ



Polêmica - Revista Eletrônica da Uerj - Rua São Francisco Xavier, 524, 1º andar

bloco D, sl.1001 • Tels.: +55 21 2334-4088 / 4087 • <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/index>
<http://www.labore.uerj.br> • laboreuerj@yahoo.com.br

Introdução

Diante de várias mudanças sociais, situações que exigiam a presença física para serem resolvidas não são mais necessárias ou requisitadas. Como exemplo, as aulas, cursos, transações bancárias e encontros já são realizados virtualmente há algum tempo. Entre essas atividades que dispensam a presença física, encontra-se também a análise. Ainda mais no momento social atravessado com a pandemia do COVID-19, houve uma considerável mudança do atendimento presencial para o virtual, impulsionada pela exigência do distanciamento social. Considerando tal contexto, esse ensaio de eixo teórico psicanalítico tem como objetivo investigar a possibilidade de uma transferência se estabelecer no atendimento virtual.

O percurso escolhido para construção desse artigo se inicia com os aspectos relacionados às mudanças sociais em decorrência do processo de virtualização da vida, bem como os impactos gerados por essas mudanças. Em seguida, na obra freudiana e no ensino lacaniano, trabalhou-se com o conceito de transferência, articulando-o à presença física de um corpo e à presença do analista para se pensar, já com seus comentadores atuais, a possibilidade de a transferência se estabelecer mesmo em atendimentos *on-line*. Interrogar-se sobre as especificidades do atendimento clínico *on-line* há alguns anos não faria sentido, mas atualmente essa possibilidade de atendimento vem sendo cada vez mais utilizada pelos psicanalistas. De toda forma, parece explícito como as transformações tecnológicas ocorridas nas últimas décadas tornaram o virtual um modo comum, na vida cotidiana, para se estabelecer o laço social, como podemos perceber no exemplo a seguir.

Há 10 anos, uma época na qual não havia a difusão da *internet* como hoje, em uma conversa com uma prima, ela me relatou que estava namorando à distância. Ela tinha 13 anos e o rapaz, supostamente, 14. Utilizo o advérbio *supostamente*, pois o que vem da *internet* ainda nos parece meio fictício e inseguro. Ela morava no interior do estado do Mato Grosso e ele, na capital do Rio de Janeiro. Mantinham contato todos os dias, por mensagens e fotos, no extinto *MSN Messenger*. Naquela época, a conexão era lenta e limitada. Era preciso estar conectado a um computador e se utilizar, principalmente, do *Orkut*, uma rede social, também, já extinta, para se comunicar.

Nunca utilizaram a *webcam*. Somente se comunicavam por fotos e por mensagens escritas. Ainda não havia, da forma que há hoje, disponibilidade de *internet* no celular e

possibilidades menos custosas de comunicar-se por ligações telefônicas. Ela se dizia apaixonada. Fazia montagens com as fotos, publicando-as no *Orkut*, e se programava para ir ao Rio. Ele fazia planos de ir a Mato Grosso.

Todo o romance e planejamento duraram quatro meses. Ele terminou com ela porque estava apaixonado por outra moça da Bahia, que também conheceu pela *internet*, sem nunca tê-la conhecido pessoalmente. Ela sofreu e ficou durante meses aos prantos, elaborando o luto de uma relação, pedindo para ele reconsiderar e reatarem o namoro. Ao final da escuta de toda essa história, pensei: que absurdo! Como alguém pode desejar pela *internet*; amar alguém que nem sequer tenha visto ou ouvido; ou mesmo gozar de um corpo que nem sequer havia sido tocado?

Histórias como essas não nos soam mais estranhas como antigamente. Tornou-se comum conhecer pessoas pela *internet*. Fácil você escutar do seu amigo que ele está indo conhecer alguém que deu *match* no *Tinder*. Ou que encontrou alguém para sexo casual e está trocando *nudes*, no *Grindr*. Também é comum escutar que eles são amigos no *Facebook*, mas quando se veem na rua, fingem que não se conhecem.

O inverso também é verdadeiro: escutar que eles se conheceram pelo *Happn* e *deu certo*: estão namorando há seis meses! Com tudo isso, percebemos que os relacionamentos ora podem começar por um *like*, ora podem se manter na vida *off-line*, ora também podem terminar por *WhatsApp*.

Até algum tempo, situações de paquera exigiam que as pessoas saíssem. Saíssem para um bar, boate, barzinho. Andassem pelo parque. Conhecessem alguém apresentado pelo amigo do amigo. Combinassem um churrasco ou uma festinha em casa. Hoje, você ainda pode sair ou decidir ficar em casa e utilizar os aplicativos com geolocalização.

É preciso realçar que o homem já vivia em rede social, no sentido do convívio presencial há muito tempo. Neste contexto contemporâneo, no entanto, há a oportunidade de se estabelecerem laços tanto virtuais quanto presenciais, gerando em alguns o receio e medo do novo.

O mesmo receio sempre ocorreu, quando os mais modernos meios de comunicação foram inventados. As pessoas continuam a se comunicar verbalmente depois da invenção da escrita; o teatro continuou existindo depois da invenção do cinema; as cartas, e-mails e torpedos de amor não substituem os beijos dos amantes; assim como, as pessoas continuam a se falar cada vez mais via telefone, como se sabe, pela expansão também monumental das operadoras de celular. E não é de uma explosão

de contatos entre as pessoas que estamos tratando? (FERREIRA-LEMOS, 2011, p. 61).

Universitários seguiam com seus churrascos (e ainda seguem). Alguns homens iam às casas de prostituição ou à sauna (e ainda vão). Garotos de programa iam aos pontos de prostituição (e ainda vão). Em meio à forma pretérita do *iam* existe o presente do indicativo do *e ainda vão*. Contudo, precisamos reconhecer que a *internet* nos oferece uma nova forma de nos relacionarmos. Não precisamos mais fazer um churrasco para conhecer alguém. Conhecemos os amigos dos amigos pelo *Instagram*. Não é necessário ir às casas de prostituição ou à sauna: só utilizarmos o *Scruff*, seja para sexo pago ou não. Com essa mudança, será que poderíamos culpar a *internet* pelas escolhas ou atos de alguém? A *internet* seria causadora de comportamentos ou um meio utilizado?

Hoje vivemos em um mundo em que as relações são crescentemente mediadas tecnologicamente, o que torna patente a falácia da oposição real/virtual e cada vez mais clara a existência de um contínuo on-line/off-line. Oposições entre privado e público, subjetividade e vida coletiva parecem estar sendo progressivamente erodidas sem que tenhamos cunhado um novo vocabulário analítico a partir do qual possamos compreender nosso novo contexto e a nós mesmos (MISKOLCI, 2017, p. 47).

A virtualidade

Embora seja criticada de diversas formas por gerações passadas e atuais, a virtualidade está aí, queiramos ou não! Apesar da resistência ao novo, em todas as épocas, não houve quem conseguisse conter as mudanças em direção aos avanços da civilização (OTERO; FUKS, 2012).

As relações virtuais impactaram de uma vez por todas as formas de se relacionar, principalmente, pela falta de corporeidade, entendida como presença física, que ela evoca. A respeito da virtualidade, utilizamos o conceito do filósofo da informação Pierre Lévy: “É virtual toda entidade ‘desterritorializada’ capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (LÉVY, 2010, p. 47). Virtualidade é uma dimensão da realidade. Pode ser entendida como aquilo que existe em potência, como devir, que precisa de um campo de forças para se atualizar. A semente é uma árvore em potencial, por exemplo.

Entre prós e contras, a tecnologia já faz parte de nós. Expressões como *estou sem bateria*, *estou sem wifi*, *não tenho crédito* ou *torre, espera minha carga completar*, *essa*

câmera não me deixa bonito, vou postar um selfie já estão no discurso do Outro há algum tempo.

Somos informados de acontecimentos em países distantes, simultaneamente ao ocorrido. Podemos namorar à distância ou mesmo procurar relacionamentos por aplicativos no celular. O mais intrigante é o fato de que, embora vivamos na égide de um mal-estar de um discurso capitalista, que não faz laço e exclui o amor (LACAN, 1969-1970/1992), há um imenso investimento nos aplicativos de relacionamento: *Tinder, Facebook, Instagram, WhatsApp, Scruff, Grindr, Gay Romeo, Happn, Hornet*.

Zygmunt Bauman (2004) define as relações virtuais como moldes para todos os tipos de relacionamento. São relações de redes, nas quais se pode ter contato com todos, a qualquer momento, e das quais podemos nos desconectar facilmente, enfatizando que se relacionar e se desconectar com facilidade fez com que as relações perdessem seu valor.

Vivemos em uma sociedade líquido-moderna que é marcada por momentos em que a procrastinação não tem vez: o prazer é imediato e instantâneo. Pode-se estar em todos os lugares, principalmente, com a ajuda da internet, que ameniza distâncias. Uma sociedade, então, marcada pelo individualismo, consumo e efemeridade (BAUMAN, 2001).

A vida líquida é uma vida de consumo. Projeta o mundo e todos os seus fragmentos animados e inanimados como objetos de consumo, ou seja, objetos que perdem a utilidade (e portanto o viço, a atração, o poder de sedução e o valor) enquanto são usados. Molda o julgamento e a avaliação de todos os fragmentos animados e inanimados do mundo segundo o padrão dos objetos de consumo (BAUMAN, 2007, p. 17).

A transferência

Como percebemos, o Outro exige que estejamos *on-line* a todo tempo. Quem não possui *e-mail* ou conta no *Facebook, Instagram* ou *Whatsapp*? Até pouco tempo, era necessário que as pessoas saíssem de casa para ir à análise, por exemplo, hoje não mais. Até o divã não escapou da virtualidade: antes utilizado em ambiente físico, está sendo substituído por alguns profissionais pelo ambiente cibernético e causando muitas polêmicas (OLIVEIRA, 2009).

Não é por acaso termos começado esse artigo com um exemplo de amor para falarmos da transferência, já que para Freud (1912/1996) e Lacan (1960-1961/1992) a mola da transferência é o amor. Não só os relacionamentos amorosos ou profissionais se tornaram

virtuais, mas também o atendimento analítico. Não é só comum ouvirmos de nossos amigos que estão conversando com alguém por algum aplicativo, mas que também estão fazendo análise por aplicativo, com um analista de outro estado pelo *Skype* ou acabaram de realizar uma sessão pelo telefone celular. Surgiram vários aplicativos de celular que possibilitam análise ou psicoterapia online: *Fala Freud*, *Psicologia Viva*, *PSY*, *Psicoterapia Online*, *Terapia Online*, *Skinner*, entre outros.

Da mesma forma que nos questionamos no início desse artigo – *Como alguém pode desejar pela internet; amar alguém que nem sequer tenha visto ou ouvido?* – nos inquietamos com a pergunta: seria possível uma transferência se estabelecer *on-line*? Sem a presença dos corpos?

A princípio, o termo transferência não é de uso exclusivo do psicanalista. Fora desse meio, esse termo marca um deslocamento: transferência bancária, de capitais, de pessoal. Enfim, envia algo de algum lugar para outro. Antes de Freud, a psiquiatria e a psicoterapia já utilizavam o conceito *transfert* para indicar um experimento hipnótico no qual a paralisia de uma paciente era mudada de um lado do corpo para outro (BAREMBLITT, 1991).

Como sabemos, o início dos estudos de Freud, sobre a histeria, abarcou o método hipnótico-catártico. Freud começou a estudar com Charcot em Paris, que até então era referência francesa nos estudos sobre neuroses, especialmente a histeria. Charcot trabalhava no hospital de Salpêtrière e era titular da cátedra de neuropatologia, estudava as doenças nervosas crônicas e sua base anatomopatológica. Por muito tempo seu trabalho centralizou-se na histeria, tendo oportunidade de estudar tanto casos em homens quanto em mulheres, tratando-os com a hipnose (FREUD, 1956[1886]/1996).

Charcot utilizava a hipnose como supressão dos sintomas, mas Freud passou a utilizá-la como meio catártico de descobrir o contexto nos quais os sintomas surgiram. Pedia às pacientes que rememorassem as situações nas quais os sintomas apareceram, fazendo com que seus pacientes revivessem uma ab-reação de afetos e, por conseguinte, melhorassem temporariamente.

Ao longo do tempo, em alguns atendimentos, Freud notou que alguns pacientes não se deixavam hipnotizar. Dessa forma, ele abandonava a hipnose e se dirigia ao paciente fazendo-lhes uma semientrevista, permitindo, desse modo, que eles falassem sobre seus sintomas. Uma paciente em especial recusou esse método e quis falar sobre o que ela achava importante.

Freud teve o bom senso de escutá-la, fato que ficou conhecido como *Talking cure* ou *Limpeza da chaminé* (BAREMBLITT, 1991).

Mesmo com essa regra fundamental da análise – a associação livre –, havia determinados momentos em que os pacientes não conseguiam falar, nada lhes vinha à mente. Freud percebeu que, quando isso acontecia, algum pensamento do paciente estava direcionado à pessoa do médico, algum pensamento que a paciente julgava impossível de ser dito, algum pensamento inconveniente com a relação profissional (FREUD, 1912/1996).

Aprofundando mais no fenômeno, Freud chega à conclusão de que nesse momento de impasse, a incapacidade de continuar associando deve-se sempre a uma revivência de alguma situação anterior em que a pessoa viveu um tipo de afeto, de impulso, de emoção similar, mas com outra pessoa e em uma situação especialmente intensa e geralmente relacionada com a sexualidade. Ao retorno desta situação anterior, passível de reconstituição, que se reitera, que se renova na situação terapêutica, Freud chamou de TRANSFERÊNCIA (BAREMBLITT, 1991, p. 15).

Cada pessoa por meio da combinação de sua constituição e de suas influências sofridas na infância constrói um modelo específico próprio de se conduzir na vida erótica. Esse clichê se repete em todas as relações, com novas colorações, pessoas, circunstâncias. Quando o paciente encontra um meio de colocar o analista nesse estereótipo, podemos dizer que há a transferência (FREUD, 1912/1996, 1914/1996).

Freud (1912/1996) percebeu que, quando o paciente chegava perto do núcleo patológico de sua doença, lhes faltavam as palavras e eles começavam a repetir, ao invés de falar, essas relações infantis. Dessa forma, a transferência na análise surge a partir da resistência do paciente em lidar com seu material patológico inconsciente, ao mesmo tempo que a satisfaz. Ou seja, quando uma das partes do complexo patógeno é capaz de se reportar à pessoa do analista, ocorre a transferência.

Fica claro que resistência (dificuldade, obstáculo) e transferência são aproximadamente duas faces do mesmo fenômeno, do mesmo processo. E qual é o processo? É de uma “repetição”. Repetição, reedição, reiteração, reprodução de tudo o que o sujeito experimentou na situação traumática (BAREMBLITT, 1991, p. 17).

Lacan (1953-1954/1983), já em seu primeiro Seminário, resgata o conceito de transferência e tece duras críticas a *Ego Psychology* e ao desvio que a psicanálise vinha sofrendo, após a morte de Freud. Lacan, em seu ensino, resgata a palavra do sujeito para dar fim ao que a *Ego Psychology* chamava de fortalecimento do ego e adaptação à realidade,

tirando a análise de uma relação dual para colocá-la em uma relação a três: o paciente, a palavra e o analista.

Nesse Seminário, ele nos ressalta que a palavra – o simbólico – deve ter seu lugar fundamental numa análise, diferente da *Ego Psychology* que favorecia a relação dual imaginária. Embora a transferência se estabeleça no aspecto imaginário da relação, ao analista cabe direcionar o sujeito a seu próprio inconsciente, à relação simbólica do saber.

Até então, os analistas da época estavam reforçando uma relação imaginária entre analista e analisando, entretanto, Lacan reforçará a relação simbólica entre sujeito (\$) e inconsciente (A barrado), elidida pela relação imaginária (a – a’): “Em outras palavras, a transferência não é nada de real no sujeito senão o aparecimento, num momento de estagnação da dialética analítica, dos modos permanentes pelos quais ele constitui seus objetos” (LACAN, 1951a/1998, p. 224).

Conforme vimos, inicialmente, Freud entendeu o fenômeno da transferência predominantemente como uma relação imaginária de amor-paixão. Lacan (1953-1954/1983), no início de seus seminários, enfatizou a relação imaginário-simbólica. Dez anos depois, Lacan retificará essa versão e colocará o sujeito suposto saber e o real em jogo com o objeto *a* (LACAN, 1964/2003).

Para entendermos a função de sujeito suposto saber, basta entendermos a mola da análise. Quando um paciente sofre e procura atendimento, ele não sabe o que tem, por isso justamente procura alguém que ele suponha que saiba algo sobre sua dor. Nesse processo, o analisante acredita que o analista possua as respostas para suas queixas. Ou seja, coloca o analista em uma função de sujeito suposto saber (SSS).

O analista não deve de forma alguma incorporar essa função, mas antes de tudo fazer semblante. Até porque o saber está do lado do analisante, não do analista. Ao analista cabe pontuar/escandir os significantes-mestres que ordenam a cadeia significativa do analisante. Embora o analisante coloque o analista na função de sujeito como detentor do saber, o analista deve fazer semblante de objeto *a*, fazendo com que o analisante deseje e que a partir disso possa pôr em desfile seus significantes.

Lacan (1951b/1998), bem antes de criar o conceito Sujeito Suposto Saber, já indicava que o analista pagava no tratamento, e uma das formas era emprestando sua pessoa para a transferência. Ele paga com suas palavras, na interpretação, e com sua pessoa, na medida que

a empresta como suporte para transferência. A partir de sua construção do real (LACAN, 1962-1963/2005), poderíamos acrescentar que o analista paga se oferecendo como suporte de objeto *a* para a transferência.

Até então, não havia na época de Lacan a possibilidade da análise pela internet. Então, acreditamos que, quando Lacan ressalta essa função de suporte, ele se refere à presença física do corpo do analista. Não há nenhum escrito que indique a análise online. Mas deveríamos descartar a possibilidade de o analista ser um suporte de objeto *a* pela virtualidade? A partir desses questionamentos, da pessoa do analista como suporte na transferência, introduziremos a problemática do corpo para Lacan.

O corpo na psicanálise

Por vezes, percebemos que o principal incômodo para os teóricos críticos da internet seria a falta de relações corpóreo-materiais que ela suscita, configurando-se até uma heresia das relações sociais para esses pensadores (NICOLACI-DA-COSTA, 2002).

Diferente do organismo, marcado pelo saber médico, o corpo para o psicanalista é um corpo marcado pela imagem, pela fala e pelo sexo. A noção de estatuto do corpo passa pelo imaginário com a constituição do eu, para o simbólico com o significante e a produção do sujeito para o real como possibilidade da letra (CAPOULADE NOGUEIRA, 2016).

No aspecto imaginário, Lacan (1949/1998) percebeu a importância do espelho na formação da identidade de uma criança a partir dos seis meses, o que foi denominado pelo autor de Estádio do Espelho: fase na qual a criança descobre sua imagem global e forma seu eu (*moi*) a partir de sua imagem, conquistando um corpo como uma totalidade unificada, por meio da identificação com o Outro.

[...] o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica [...] (LACAN, 1949/1998, p. 100).

A maturação fisiológica dá à criança a possibilidade de integrar suas funções motoras, mas o sujeito toma noção de seu corpo como totalidade antes. Ou seja, a vista da forma do corpo humano dá à criança um domínio imaginário de seu corpo, anterior ao domínio real. É

aí que a imagem do corpo permite ao sujeito se situar no que é, e no que não é seu eu, a partir do que o adulto nomeia nesse corpo (LACAN, 1954-1955/1985).

A imagem narcísica passa a ser uma das condições do aparecimento do desejo, pois a imagem do corpo representa o primeiro ponto de engate dos significantes do desejo do Outro. Ao mesmo tempo em que a pulsão não cabe na imagem, resta uma parcela sexual que fura a imagem. Por isso, o estádio do espelho estrutura, simultaneamente, o imaginário, o simbólico e o real.

Mas antes de qualquer imagem ou amadurecimento biológico, o sujeito já tem seu lugar no discurso do Outro, na ordem simbólica (PACHECO, 2012). Ou seja, antes da função imaginária, encontramos o corpo em seu aspecto simbólico como suporte da palavra. O sujeito, constituído pelas operações de alienação e separação, só pode se mostrar representado pelo significante, por isso mesmo é evanescente. Surge somente nas entrelinhas do significante: nos atos-falhos, chistes, sonhos ou sintomas (LACAN, 1953/1998, 1957/1998).

Se o que Freud descobriu, e redescobre com um gume cada vez mais afiado, tem algum sentido, é que o deslocamento do significante determina os sujeitos em seus atos, seu destino, suas recusas, suas cegueiras, seu sucesso e sua sorte, não obstante seus dons inatos e sua posição social, sem levar em conta o caráter ou o sexo, e que por bem ou por mal seguirá o rumo do significante, como armas e bagagens, tudo aquilo que é da ordem do dado psicológico (LACAN, 1956/1998, p. 33-34).

Depois de abordarmos o aspecto imaginário e simbólico, é chegada a hora de ressaltar um aspecto da corporeidade que não se inscreve como sujeito nem se aliena como objeto – o real do corpo que porta a marca da pulsão. A questão do corpo, na psicanálise, se impõe precisamente pelo sintoma, algo da ordem da linguagem, uma vez que não é toda decifrável por causa do real em jogo, um acontecimento do corpo que goza. Há no corpo um excedente de afetos impossíveis de serem nomeados que se manifesta num campo delimitado por zonas erógenas, nas quais esse tanto de afeto cola na carne pelos traços do gozo do Outro (FERRARETTO, 2010).

Percebemos, assim, que o corpo está atrelado a esse objeto real, objeto *a*, que causa o desejo e que goza. Toda a construção realizada parte da dimensão corporal e finda na dimensão corporal. Desde *das Ding* até os objetos parciais, há essa dimensão corporal na qual o sujeito se encontra, nesse real que retorna ao corpo. Assim, o corpo pode ser visto não só como a casa do significante, mas como aquele que abriga, também, a letra – o real. O corpo pode ser visto como possibilidade de linguagem e do desejo (LACAN, 1971/2003).

Nesse sentido, o corpo não deixa de ser um simples suporte do significante para habitar a letra? Partindo dessa hipótese, não existe corpo total, o corpo é sempre uma parte, é o gozo acumulado nessa parte que permanece velado pela imagem (NASIO, 1993).

Dessa forma, percebemos que o ser humano não se restringe ao corpo anatômico/biológico, sendo o inconsciente, a linguagem e a letra constituintes fundamentais. Nesse sentido, qualquer prática que aborde o sujeito como organismo, faz uma leitura parcial do ser humano, pois afirmando o aspecto do gozo e da fala, Lacan reafirma a singularidade da leitura psicanalítica sobre o corpo (CUKIERT & PRISZKULNIK, 2002).

Transferência sem corpo?

A questão do corpo tem sido posta em todos os lugares, nos estudos filosóficos, culturais, nas mesas de cirurgias plásticas, em *body building*, escarificações e *piercings*. O corpo se impõe até mesmo em sua ausência pela aparente descorporificação causada pela tecnologia. Tais processos colocaram em crise as crenças de uma estabilidade dos limites corporais, criando o corpo como o sintoma da cultura do nosso tempo (SANTAELLA, 2004).

Quando falamos da virtualização da vida, vemos esse claro percurso de descorporificação. As compras on-line, redes sociais, aplicativos de paquera, e-mail, videoconferências, análise on-line pelos aplicativos *ZenKlub*, *Freud Fala*, *Psicólogo Virtual*, *PSY*, entre outros, são exemplos da ausência de corpo. É importante notar o discurso que esses aplicativos de análise apresentam: tratam a análise, ou mesmo a psicoterapia, como um produto resolutivo, que solucionará a sua vida, a ser comprado a qualquer momento, por descontos e sem sair de casa.

Chateney (2017) tem uma observação muito importante para o atendimento *on-line*, ao dizer que a tecnologia não é neutra e que é necessário saber os discursos que a perpassam para que possamos analisar as situações. É importante conhecer a qual saber o paciente está se dirigindo, quando ele procura uma terapia pela internet. Há casos em que não há disponibilidade de analistas ou psicólogos na cidade e, por isso, se procura uma análise à distância. E há situações em que o analisante viaja, se muda de cidade, mas deseja continuar com o mesmo analista.

A internet sabe tudo sobre nós ao mapear nossa atividade em rede. Leduc (2017) pontua que a internet se tornou um corpo do Outro do qual os sujeitos se incorporam e se

apropriam para responder às suas questões. Dirigimo-nos a ela buscando um saber, mas a internet não é um sujeito. O saber sem sujeito da internet se parece com aquele da ciência, que Lacan pode qualificar de empresa de forclusão do sujeito. Ela se opõe à psicanálise porque a psicanálise supõe um Sujeito Suposto Saber por parte do analisando e um sujeito do saber por parte do analista. Embora essas pontuações discursivas sejam extremamente importantes, não serão objeto de estudo desse artigo.

Haveria algum conflito no modo que a transferência na função de Sujeito Suposto Saber se estabeleceria no ciberespaço? A princípio, cremos que não há necessidade de um corpo para que supuséssemos que alguém teria o saber sobre o sofrimento de um paciente, mas entendemos que cada caso deveria ser analisado separadamente, bem como cada discurso que perpassa a atividade virtual.

Klotz (2017) acredita que a análise não aconteça somente pela intervenção significativa – o que de saída não nos mostraria nenhum conflito no atendimento virtual – mas que há também na análise a dimensão da presença do analista. Por outro lado, Lazarus-Matet (2017) não vê empecilhos no atendimento virtual e crê que a tecnologia não apaga de forma alguma a vida pulsional do corpo falante.

Guyonnet *et al.* (2017) acredita que excluir o corpo é excluir o real e a não existência da relação sexual. Já Balóira (2017) entende que a transferência pode muito bem se instalar quando o analisante encontra no analista um traço do objeto que ressoa no seu próprio inconsciente e que pode lhe supor um saber sobre seu gozo, independente da modalidade de atendimento.

Dargenton (2017) acredita que não é possível retirar a presença do psicanalista da análise, porque o analista não se situa em um computador. Ela acredita que a transferência coloca em jogo a operação do semblante sobre o gozo com a presença do analista. Parchliniak (2017) também percebe que a psicanálise requer a presença do corpo vivo e falante do analista e a análise não seria possível pela internet.

A análise pela virtualidade, como vimos, é um tema recente e muito discutido, levando psicanalistas e teóricos a posições extremamente contrárias. Mas uma observação feita por Oliveira (2009) nos chamou mais a atenção: é possível que depois de a transferência ter sido estabelecida pessoalmente, possamos passar para a modalidade virtual.

Colette Soler (2019) é mais enfática. Quando se atende por telefone ou videoconferência, o que mudou em relação ao *setting* analítico tal como Freud inventou? A única coisa que falta é a presença dos corpos, porém nada mudou na circulação das falas. Ela é ainda mais rigorosa: será que não estamos apenas reproduzindo um modelo freudiano sem nos questionarmos enquanto, atualmente, dispomos de outros meios? Como os pós-freudianos fizeram com a questão do tempo, o qual Lacan alterou e deu várias justificativas?

Hoje, o discurso contemporâneo, com seus instrumentos produzidos pela ciência, aumenta ao infinito o alcance do que vou agora chamar de elástico pulsional. Posto que Lacan fala de elasticidade, esse elástico, evidentemente, é a curva que vai inserir os objetos (SOLER, 2019, p. 71).

De perto ou de longe, a pulsão só busca o pedaço incorpóreo do Outro, a saber o objeto *a* e para isso não há necessidade da presença física do corpo para que essa relação seja estabelecida, conforme pudemos observar no exemplo dado na introdução desse artigo. As vozes, por exemplo, nos chegam de outros cantos do país com noticiários, *podcasts* e ligações; os olhares estão em toda parte. O virtual permite mesmo ao sujeito se excitar com imagens que não correspondem a nenhuma realidade. Então, se pensarmos nessa excitação, vemos que isso permite às pessoas subtraírem a presença corporal do Outro (SOLER, 2019).

Considerações finais

Nos dias atuais, a informática está presente desde sua utilização no trabalho, passando pela comunicação, compras, até no lazer. Encontramos nesse contexto, quando utilizamos a tecnologia com fins de nos relacionarmos de forma interpessoal, possibilidades consideráveis de serem construídas, situações que transcendem tempo e espaço (BAUMAN, 2001, 2004; CASTELLS, 2003; LÉVY, 2010, 2011).

Há muitos questionamentos e posicionamentos sobre a análise operada pelo ciberespaço. Freud e Lacan, em suas épocas, não dispunham da tecnologia que há hoje, mas, se dispusessem, com certeza emitiriam pareceres sobre seu uso. Dessa forma, quando Freud e Lacan se dirigiam a pessoa do analista, falavam sobre a presença física, justamente pela impossibilidade da virtualidade, na época.

O propósito desse artigo foi investigar a possibilidade de a transferência se estabelecer no atendimento on-line. Pois se a transferência se dirige a pessoa do analista, como fica a pessoa do analista na virtualidade? A princípio, percebemos que não devemos confundir ou

restringir a presença do analista com o físico ou biológico. Entendemos que o analista se faz presente na análise com suas palavras e como semblante de objeto *a*, independentemente do modelo de atendimento. O imaginário está presente com a imagem, o duplo; o simbólico está presente com as palavras; e o real com o objeto *a* (presencialmente ou virtualmente, a pulsão só busca o objeto *a* e para isso não há necessidade de presença física).

Dessa forma, a partir do ensino de Lacan, percebemos que não é necessária uma presença física para que o paciente instale seu analista na função de Sujeito Suposto Saber, nem seria necessária a presença física para que o psicanalista fizesse semblante de objeto *a* para seu analisante, pois a pulsão veiculada pela fala busca o incorpóreo objeto onde quer que ele esteja (SOLER, 2019).

Referências

- BAREMBLITT, G. **Cinco lições sobre a transferência**. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.
- BALOIRA, R. De Skype à l'amour de transfert. **La cause du désir**, Paris, n. 97, v. 3, p. 24, 2017.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.
- CAPOULADE NOGUEIRA, F. R. **O estatuto do corpo na psicanálise de Lacan: da construção do imaginário à formalização do objeto *a***. 2016. 193 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos e École Doctorale Recherches en Psychanalyse et Psychopathologie de l'Université Paris-Diderot, 2016.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CHATENAY, G. Internet, supposé savoir sans sujet. **La cause du désir**, Paris, n. 97, v. 3, p. 41-45, 2017.
- CUKIERT, M. & PRISZKULNIK, L. Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. **Estud. psicol.**, Natal, v. 7, n. 1, p. 143-149, 2002.
- DARGENTON, G. Lalangue on line. **La cause du désir**, Paris, n. 97, v. 3, p. 66-68, 2017.
- FERRARETO, S. G. **Corporeidade em Psicanálise: Tatuagem e Fenômeno Psicossomático, o corpo marcado e o laço social**. 2010. 178 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.
- FERREIRA-LEMOES, P. do P. Navegar é fantasiar: relações virtuais e psicanálise. **PSICO**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 59-66, jan./mar., 2011.

FREUD, S. Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim (1956 [1886]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. I. p. 37-49.

FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XII. p. 109-119.

FREUD, S. Recordar, Repetir e Elaborar (1914). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XII. p. 161-171.

GUYONNET, D. *et al.* Rencontre avec Sherry Turkle. **La cause du désir**, Paris, n. 97, v. 3, p. 131-140, 2017.

KLOTZ, J. P. Internet et la psychanalyse: un corps-à-corps qui peut faire symptôme. **La cause du désir**, Paris, n. 97, v. 3, p. 159-164, 2017.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.96-103.

LACAN, J. Intervenção sobre a transferência (1951a). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 214-225.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1951b). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 591-652.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-324.

LACAN, J. **O Seminário, livro1**: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

LACAN, J. **O Seminário, livro2**: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954- 1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. O seminário sobre A carta roubada (1956). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 13-66.

LACAN, J. A Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496-533.

LACAN, J. **O Seminário livro 8**: A transferência (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. **O Seminário livro 10**: A angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. **O Seminário livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. **O Seminário livro 17**: O avesso da psicanálise. (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. Lituraterra (1971). In: LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 15-25.

LAZARUS-MATET, C. Homo numericus, où as-tu mis le corps? **La cause du désir**, Paris, n. 97, v. 3, p. 51-55, 2017.

LEDUC, C. Préambules à une clinique du réseau. **La cause du désir**, Paris, n. 97, v. 3, p. 72-76, 2017.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2011.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

NASIO, J.-D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Internet: a negatividade do discurso da mídia *versus* a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito? **Estudos de Psicologia**, Rio Grande do Norte, n. 7, v. 1, p. 25-36, 2002.

OLIVEIRA, P. C. S. **O divã virtual e a linguagem do atendimento psicanalítico on-line no ciberespaço.** 2009. 121 f. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Cognição e linguagem/Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campo dos Goytacases, 2009.

OTERO, C.; FUKS, B. B. A internet e a reinvenção de si. **Po!êmica**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 193-211, abr./jun., 2012.

PACHECO, A. L. P. **Da fantasia de infância ao infantil da fantasia: a direção do tratamento na psicanálise com crianças.** São Paulo: Annablume, 2012.

PARCHLINIAK, C. Smartphones et Cia. **La cause du désir**, Paris, n. 97, v. 3, p. 61-65, 2017.

SANTAELLA, L. O corpo como sintoma da cultura. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 139-157, 2004.

SOLER, C. **O em-corpo do sujeito: seminário 2001-2002.** Salvador: Álgama, 2019.

Recebido em: 01/04/2020.

Aceito em: 30/04/2020.